

Análise Psicológica (2001), 4 (XIX): 503-507

Uma análise da dependência de drogas numa perspectiva fenomenológica existencial

FABIANO MATOS SIPAHI (*)

FERNANDA DE CAMARGO VIANNA (**)

Problema mundial, a dependência de drogas vem interessando os mais variados setores sociais, que apresentam diversas formas de entendimento desta questão.

Ainda hoje, não há um consenso sobre os motivos da dependência de drogas. Até o momento não está estabelecido univocamente porque algumas pessoas experimentam drogas e outras não, porque umas e não outras continuam a usar e porque umas, mas não todas, tornam-se dependentes.

Acreditamos ser possível uma importante compreensão da dependência através da fenomenologia existencial, que além de caracterizar um olhar bastante próprio em relação aos fenômenos de nosso cotidiano, nos fornece orientação para a prática terapêutica.

Desse modo, este artigo se dispõe a realizar uma leitura da droga-dependência à luz da fenomenologia existencial, bem como levantar algumas questões sobre particularidades do processo terapêutico de uma pessoa dependente de drogas. Utilizaremos fragmentos de um caso clínico a fim de ilustrarmos as idéias propostas e traremos algumas considerações acerca do existir humano, que acreditamos serem fundamentais na compreensão do fenômeno.

D., um rapaz de 19 anos, atualmente usando apenas drogas consideradas leves (maconha e tabaco), conta em uma sessão sobre seu uso de cocaína: «*pensava em cheirar o tempo todo, se não tava louco ficava no maior bode¹*», «*só conseguia trabalhar muito doido, saía toda hora pra dar um tiro² ou ia no banheiro mesmo... eu tava me acabando*». Estas breves passagens nos revelam: 1) A necessidade do uso repetido de cocaína e do mal estar quando do não uso; 2) A

(*) Equipe de Saúde Mental do Projeto Qualis I (em parceria com o Hospital Santa Marcelina) – Programa de Saúde da Família – Secretaria da Saúde do Governo do Estado de São Paulo.

(**) PROAD – Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes – Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP.

¹ Gíria que expressa desânimo.

² Gíria que expressa o ato de aspirar pequena quantidade da droga.

percepção de que tal uso não lhe fazia bem. O que fica claro é que a substância que lhe aponta um bem estar, ao mesmo tempo lhe propicia enorme mal estar. Então, qual o sentido deste uso?

A resposta a tal pergunta, pensamos ser anterior ao encontro com qualquer droga. Pertence à compreensão de que para todas as pessoas, em determinados momentos, viver é muito difícil e sofrido. Tal compreensão, tem por base a condição humana que se apresenta como um ônus para todo ser humano (cf. M. Heidegger, 1995, paragr. 40).

Numa compreensão fenomenológica existencial, todo ente humano (Dasein) existe lançado em um mundo, cuidando de sua existência, cuidando de habitar, encontrando-se com tudo que lhe convoca. Viver significa dar conta de um mundo bastante complexo, com inúmeras possibilidades, matizes, gostos, modos, cheiros, sensações, etc. A nossa condição neste mundo é a de seres que têm como essência seu existir, ou seja, que não estão constituídos de antemão, mas que se constituem e se constroem existindo, vivendo (cf. M. Heidegger, 1995, paragr. 9). Em sua incompletude, o ser humano sempre conta com o futuro no seu existir.

O futuro é o tempo no qual o homem se realiza, como ser transitório e precário, onde também encontra seu limite máximo: a morte. É em direção ao futuro que o homem caminha em busca de ser o que ainda não é. Porém, o futuro que se descortina enquanto possibilidades de ser, de vir-a-ser, ele próprio não é pré-determinado, não é fechado. O futuro é residência de todas as possibilidades, entre as quais estão aquelas que são vividas pelo Dasein como ameaçadoras, ou como convidativas, ou ainda como fim: a morte. Portanto, o futuro é aquele estrangeiro, aquele desconhecido. Enquanto desconhecido, é angustiante, porque contém em si as possibilidades e a promessa de não sermos mais o que somos: tanto não sermos mais para sermos o que ainda não somos, quanto não sermos mais para deixarmos de ser.

É frente a angústia do futuro estrangeiro que se abre a possibilidade da dependência enquanto promessa de um viver mais tranquilo. No seu inacabamento, em sua provisoriedade, angustiada com o seu vir-a-ser, cabe ao homem cuidar de si, cuidando de se construir momento a momen-

to. Tal tarefa não é simples e nem tão pouco sem dor. Assim, a dependência revela-se como uma das possibilidades de aliviar-se da tarefa do cuidar, na precariedade do viver.

São muitos os motivos que levam alguém a fazer uso de drogas: por curiosidade, para fugir de determinada situação, para pertencer a um grupo, para relaxar, para estimular, e por aí vai.... No entanto a imediata e intensa sensação de prazer ou ausência de desprazer suscita novo uso. Nada teria isso de mau, se, em alguns casos, não se verificassem más conseqüências desse uso e da dependência.

É necessário, então, olhar um pouco mais de perto no como se instala a dependência. De início, devemos nos deter na abertura existencial daquele que faz uso de drogas.

O ser humano encontra-se sempre de um modo mais aberto ou mais restrito em afinação com o quê lhe vem ao encontro. O início do uso de drogas proporciona uma vivência completamente diversa daquela que a vida cotidiana oferece. No caso de uma pessoa que se torna dependente, algumas vezes, vive e cuida de seu mundo satisfatoriamente. No entanto, usualmente, encontra-se diante de um mundo adverso e inóspito. O encontro com as drogas transforma o modo como se sente, alcançando possibilidades antes desconhecidas ou apenas suspeitadas, de maneira que passa a valorizar tais substâncias como via de acesso a um viver mais agradável e pleno, ou ainda, suportável e distanciado. A droga advém como promessa e também experiência de sentir-se melhor. Dessa forma, a dependência configura-se quando a confiança nessa promessa obscurecer todos os outros apelos do mundo, fazendo com que o cuidado consigo mesmo fique limitado a esta única forma de promoção de um viver melhor.

É pertinente ressaltar aqui, que no dirigir-se às drogas em busca de um prometido bem estar, revela-se o fenômeno da dependência não apenas como passivo e aprisionador, mas também como ativo e voluntário, em uma forma restrita de existência (C. Olievenstein et al., 1989). Ou seja, a dependência é um movimento daquele que sente poder tranquilizar-se no uso de drogas.

A busca repetitiva de sensações de prazer nas drogas, faz com que o dependente altere sua relação com o tempo, aliviando-se constantemente da necessidade de cuidar de seu futuro. O

uso repetitivo promove a busca de uma sensação já conhecida como prazerosa: a realização da droga é o prazer previsto. Desse modo, sem ter que construir-se no vir-a-ser, o dependente encontra possibilidade de alívio em algo já dado de antemão, sensações e modos já conhecidos. Não é mais necessário buscar ser o que não é, pelo contrário, ilude-se na crença de já ser, num estado fechado, em modo único de obtenção de prazer. Restrito no cuidado de seu futuro, encontra-se enclausurado num infértil e eterno presente sem fim.

Quanto mais se usa a droga, menos se obtém prazer. É o que chamamos de tolerância. Na dependência isto torna-se insuportável. Aquela via obtida, encontrada, parece não fazer mais efeito, mas a promessa de bem estar e a ilusão de não ter que cuidar de si, faz com que se aumente as doses. É pertinente dizer que compreendemos a tolerância não apenas em seu sentido físico/orgânico, como também do ponto de vista existencial. Nas primeiras experiências com as drogas, o prazer experimentado conta com a surpresa de novas sensações obtidas. Porém, com o passar do tempo, essas sensações já não são vividas como novas, de modo que o prazer obtido é menos intenso do que antes, justamente porque não mais surpreende. Assim, repete-se o uso aumentando as doses, em busca da intensidade de um prazer que não é mais possível, por tornar-se comum.

Além disso, o uso contínuo traz outra consequência: ao alterar constantemente suas sensações, o dependente acaba por alterar seu modo de estar no mundo com os outros, a partir das irregularidades constantes de sua vivência de mundo. Desta forma, perde aos poucos a participação de uma realidade compartilhada, distanciando-se dos que o rodeiam (C. Sonenreich, 1982).

Aqui, podemos responder a indagação feita ao início, sobre o sentido do uso de uma substância que aponta um bem estar e ao mesmo tempo propicia enorme mal estar. Vimos que o dependente anseia por aliviar-se de sua condição, transformando seu mundo; e ainda, que o prazer da droga é percebido como alívio e bem estar. Porém, enquanto modo único de obtenção de prazer, restringe a possibilidade do dependente surpreender-se e permanecer com as outras convocações do mundo. Restringe ainda a relação

com o futuro, com a perda da possibilidade de permanecer no tempo de maneira mais criativa, em sua incerteza. Por último, restringe o convívio com os outros, por impedir que se compartilhe uma mesma realidade.

Só e enclausurado, é como encontramos aquele que substitui o sabor do tempo pelo sabor da droga...

Como tratar psicoterapeuticamente alguém que nos chega nestas condições? O que pretendemos propor não irá esgotar esta questão, apenas demonstra um caminho possível que deve ainda ser explorado e enriquecido com outros caminhos possíveis.

A escolha de uma atitude fenomenológica existencial, que renuncia a qualquer explicação determinista *a priori*, se fundamenta na possibilidade de preservar o próprio sentido da experiência humana. Propicia uma compreensão que favorece abertura para novas significações e portanto novos modos de ser.

Com as descrições das experiências vividas pela pessoa, é possível ter-se acesso ao seu mundo e desta maneira é no próprio discurso daquele que faz uso de drogas, que teremos a possibilidade de elucidar o sentido desta vivência e como ela se dá no cotidiano.

É importante a compreensão de como a pessoa vivencia o acontecimento de estar no mundo, atentando para como se apresenta o seu ser dependente. Para tal, devemos deixar que os fenômenos se manifestem como são, criando condições para acolhê-los naquilo que dizem de si mesmos. Desta forma, os significados da experiência surgirão de maneira mais transparente para quem a vive: a compreensão de si, do seu mundo e do que busca com a droga.

O contraponto da dependência não pode ser a abstinência de drogas, mas sim, a busca da liberdade. Este é o norte de todo o processo psicoterápico. Liberdade é aqui entendida como a própria abertura humana, a possibilidade do homem realizar o seu poder ser, poder passear no interior do círculo que é (J. Pessanha, 1999).

A pessoa que chega para tratamento e relata seu envolvimento com drogas, sua dependência, traz em seu discurso a evidência de um modo restrito de movimentar-se na vida, de cuidar de seu mundo, dando conta das tarefas do cotidiano.

Demonstra extrema dificuldade no relacionar-se com os outros, encontrando-se, muitas vezes, bastante solitário. Portanto, no estabelecimento da relação terapêutica o terapeuta deve colocar-se a serviço do outro, oferecendo-se como companhia. Dessa maneira, propicia que seu cliente aos poucos não se sinta mais só, e percebe que estar com outros possa ser motivo de prazer e realização. Para o cliente, o terapeuta é aquele que se aproxima de seus sofrimentos, cuidando de acolher seus medos, incertezas, vergonhas, com uma escuta e um olhar que permita aproximar-se de si mesmo. Neste encontro, a escuta e olhar terapêuticos revelam as possibilidades que lhe estão veladas mas fazem-se presentes, permitindo acesso a novos modos possíveis de ser no mundo.

Na vivência de tempo estagnada, o dependente apresenta dificuldades para perceber e experimentar algo diferente. Como D. nos diz: «*a vida é sempre a mesma coisa*» ... «*está tudo na mesma, sem novidades*». No trabalho, o terapeuta deve procurar agir de modo a propiciar ao dependente a oportunidade de ter acesso ao seu futuro como vir-a-ser possibilitador. Assim, ao dispor o espaço terapêutico como temporalidade, atentando ao rigor do horário estabelecido, à frequência, à continuidade, aos intervalos, abre a possibilidade de um redimensionamento da vivência temporal.

Após um ano de terapia D. desabafa: «*eu tenho problemas, minha família é um problema, as drogas são problema e o futuro é um problema.*» No espaço terapêutico, deve-se trabalhar de maneira a proporcionar nova relação com o futuro. Este, mesmo que num primeiro momento se mostre ainda como problema, pode, com o passar do tempo, ser vivido e sentido como desafio de cuidar de si: em possibilidades felizes ou menos ameaçadoras de transformação. Dá-se também uma ampliação de mundo, a partir da qual o cliente percebe novos significados e cria projetos pessoais, que até então encontravam-se comprometidos por seu estreitamento existencial.

Durante o percurso, é preciso ter em mente e considerar a dificuldade de abdicar das drogas, abdicando de uma forma já conhecida de obtenção de prazer. Somente assim o terapeuta conseguirá permanecer ao lado de seu cliente, suportando os momentos de maior sofrimento, lidando com as frustrações e sensação de impotência,

cuidando de prováveis recaídas. Estas devem ser vistas não como fracasso do tratamento mas como obstáculos a serem transpostos.

Em outro momento D. diz: «*não gosto de trabalhar na farmácia, é complicado, é um negócio da família que meu pai construiu pra ele, já está lá pra eu dar continuidade mas não tem nada a ver comigo, a farmácia é um sonho do meu pai, não meu, esta é a história dele e ele quer que eu continue vivendo ela, mas essa não é minha história...*». Apropriar-se de si mesmo, viver a própria história, implica em riscos, medos, abandonos. O papel do terapeuta é auxiliar o cliente na construção de uma história mais propriamente sua, mesmo com as incertezas do futuro. Uma relação de confiança possibilita ao cliente olhar-se de um modo mais tranqüilo e projetar-se num futuro buscando realizar seu projeto existencial. Apesar de toda a dificuldade, aquele que assume o compromisso consigo mesmo e com o outro, dispondo-se a permanecer num tempo mais longo e criativo do processo terapêutico, encontra a possibilidade de realizar-se na abertura de seu futuro.

O trabalho com um dependente legitima-se em seu sofrimento. Reside na possibilidade de transformação de seu estar no mundo e na ampliação de suas possibilidades existenciais, libertando-o nas apropriações do sentido de sua história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Heidegger, M. (1995). *Ser e tempo*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Olievenstein, C. et al. (1989). O sofrimento do sujeito desintoxicado. In *A clínica do toxicômano – A falta da falta*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas.
- Pessanha, J. (1999). *Sabedoria do nunca*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Sonenreich, C. (1982). *A maconha na clínica psiquiátrica*. São Paulo: Ed. Manoli.

RESUMO

Neste artigo, os autores analisam o fenômeno da dependência de drogas através do ponto de vista fenomenológico existencial.

Considerando que a existência humana não é um fato completo e acabado, mas sim uma tarefa que requer cuidado, a dependência é concebida como uma

tentativa de alívio da necessária tarefa de cuidar de ser. Assim, para compreender este fenômeno, serão focalizados alguns aspectos fundamentais da condição humana, tais como temporalidade e abertura existencial.

Por fim, proporciona algumas considerações sobre psicoterapia.

Palavras-chave: Dependência de drogas, fenomenologia existencial, psicoterapia.

ABSTRACT

In this paper the authors analyze drug addiction

phenomenon through the existential and phenomenological point of view.

Considering that human existence is not a complete and finished fact, but a task which requires «care», drug addiction is conceived as an attempt to relieve the necessary task of taking care of being. In order to comprehend this phenomenon, some fundamental aspects of human condition as temporality and existential openness are focus.

Finally some considerations about psychotherapy are provided.